

A CIRCULARIDADE CULTURAL NAS FESTAS DE FOLIA DE REIS EM TRÊS LAGOAS/MS*

MENDES, Luciana Aparecida de Souza **

Introdução

Desde o século XIX, o campo historiográfico vem crescendo de maneira vertiginosa, uma vez que, expandindo seu campo de atuação, abriu espaço para novos objetos e intersecções com outros campos disciplinares, principalmente a partir da influência dos Annales e, mais tarde, do que viria a ser chamado de Nova História.

Diante dessa ampliação do campo historiográfico, notamos que as práticas existentes na cultura popular fornecem diversos elementos para não apenas preencher lacunas, como também analisar as práticas de pessoas que muitas vezes não se encontram inseridas dentro da historiografia. Conforme Marin, na busca por ampliar seus horizontes, “a história como ciência em construção, tem buscado novos objetos, problemas, sujeitos e ampliado suas fontes” (1999, p. 119).

Diante deste quadro, nosso objetivo neste artigo é o de analisar a festa de Folia de Reis na cidade de Três Lagoas-MS, cujo objetivo principal é entender o universo sócio-cultural dos sujeitos que norteiam sua vida em prol de uma devoção: a devoção aos três Reis Magos.

O que se pretende ao discutir as festas de Folia de Reis é ir além do entendimento das estruturas e dos contextos históricos em que os sujeitos devotos dos Reis Magos estão inseridos. Mas é principalmente, como nos salienta Darnton ao analisar os *não iluminados* da França do século XVIII,

Tentar mostrar não apenas o que as pessoas pensavam, mas como pensavam - como interpretavam o mundo, conferiam-lhe significados e lhe infundiam emoção. [...] É História de tendência etnográfica [...] o historiador etnográfico estuda a maneira como as pessoas comuns entendiam o mundo. Tenta descobrir sua cosmologia, mostrar como organizavam a realidade em suas mentes e a expressavam em seu comportamento (1986, p. XIV).

* Este texto é resultado parcial da dissertação de mestrado intitulada “As Foliás de Reis em Três Lagoas: a circularidade cultural em Três Lagoas”, defendida na Universidade UFGD no ano de 2007.

** Mestre em História UFGD-Dourados. Professora de História da Rede Municipal de Três Lagoas e das Faculdades Integradas AEMS.

Esta é, segundo o autor, uma proposta de história etnológica, ou seja, uma história intercambiante com a antropologia. Geertz ao falar sobre a etnografia aponta que praticá-la é “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (1989, p. 15). Percebemos que ao estudar as Folias de Reis em Três Lagoas, em uma perspectiva da história, mas em constante circularidade também com a antropologia, tais regras são de profunda validade para que se possa compreender melhor as redes de significados e significantes criadas, experimentadas e vivenciadas pelos devotos dos três Reis Magos.

As Folias de Reis no contexto histórico

Na proposta de se analisar a festa de Folia de Reis como um elemento histórico existem algumas dificuldades eminente nesse labor, pois é escassa a produção historiográfica a respeito das festas de Folia de Reis¹, sendo que para os devotos as folias existem “Desde que o mundo é mundo”². Desta forma, é difícil delimitar sua origem. Sabemos, porém, que hoje a história não está mais absorta na idéia de se precisar origens, mas sua principal preocupação tornou-se compreender a maneira como as representações vão norteando as práticas daqueles que às viveram e vivem.

As Folias de Reis, como hoje são vistas no Brasil, derivam de um amalgamado de tradições e re-significações que se iniciaram provavelmente na Europa, e que foram introduzidas a partir da colonização dessas terras pelos portugueses³. É dessa forma que Ferreira expõe o que, para ele, é a origem das folias no Brasil:

Essa tradição, como também a dança das pastorinhas, vem do início da colonização brasileira, em que os catequistas ensinavam aos índios como festejar os Reis Magos. Anchieta os instruía na arte de armar presépios, defronte dos quais os indígenas cantavam e dançavam, animando os folguedos natalinos e a comemoração de Reis, época de maior afluência nas aldeias (FERREIRA, 1994, p.16).

Assim, o que podemos precisar é que o ato de comemorar os Reis Magos era um costume típico da Europa cristã que foi introduzido no Brasil, entretanto como toda a forma de devoção do brasileiro - em especial a popular - esse auto de fé foi tomando características muito próprias, tornando-a uma festa genuinamente brasileira.

¹ Os trabalhos sobre Folia de Reis concentram-se em textos de natureza folcloristas e antropológicos.

² Sempre que indagado a um devoto sobre a origem das folias de Reis, eles respondem sem hesitação que elas existem “Desde que o mundo é mundo”.

³ Contudo, partindo da idéia de circularização cultural, devemos saber que a maneira de comemorar o Dia de Reis na Europa deve ter passado por inúmeras transformações ao longo de todo o seu período de existência.

No Brasil, provavelmente o intuito dos primeiros catequistas era criar uma maior intimidade dos nativos com as figuras máximas dentro do universo religioso do catolicismo, que são: Maria (Nossa Senhora) José (o operário) e o Menino Jesus (o filho de Deus) Esses três correspondem à *Sagrada-Família*, ícone de suma importância dentro não apenas das devoções católicas, como das devoções do catolicismo popular.

Contudo, a devoção de caráter popular passou a considerar os Reis Magos como elemento central de suas devoções do período natalino. É por meio da explicação de Cáscia Frade que percebemos essa mudança dos elementos de devoção.

Com o tempo esses rituais, cada vez mais adquirem contornos incontroláveis, conforme as Folias de Reis: o que se homenageia não é, principalmente, a figura divina central, o Menino-Deus, mas ressaltam-se prioritariamente personagens e fatos que margeiam o acontecimento. Os foliões canonizaram e cantaram para os Três Reis do Oriente, os ‘Santos Reis’ evocando episódios a eles relacionados: a viagem orientada por um cometa, as visitas e os regalos (FRADE, 1991, p.24).

Talvez a jornada do dia vinte e quatro de dezembro até o dia seis de janeiro, tenha tornado os devotos mais íntimos das figuras dos três Reis Magos, que estão simbolizados ao longo de todo o percurso, enquanto que o Menino Jesus se torna presente apenas no momento da festa do dia seis, no último dia.

A jornada das Companhias de Reis em Três Lagoas

Como na maior parte do Brasil, as Folias de Reis nesse município iniciam-se anualmente no período de 24 de dezembro a 06 de janeiro⁴. Também é comum haver Companhias que prolongam suas festividades até o dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião. Em Três Lagoas foi verificado que apenas uma Companhia também festeja o São Sebastião: trata-se da Companhia “São Paulo”. Conforme Couto e Castro que analisaram as Folias de Reis no Rio de Janeiro, onde é mais comum a devoção a São Sebastião:

Há, assim, duas fases da jornada. A primeira, a dos Reis, que vai até o dia 6 de janeiro, assinala-se pela presença dos Magos na *bandeira*, o estandarte da folia. A segunda, do dia 7 em diante, exige o acréscimo de uma estampa de São Sebastião ao lado da dos Magos. Os cânticos da folia, são às vezes diversos em cada fase, aproveitando os mestres, na primeira os motivos bíblicos da Adoração, da Visita dos Reis, da Fuga para o Egito, etc., e, na segunda, de acordo com a tradição católica popular, tocada pelas concepções correntes nas macumbas cariocas, os padecimentos de São Sebastião (1977, p.03).

⁴ Para alguns grupos é obrigatório que a festa seja feita exatamente no dia 6, enquanto para outros não precisa necessariamente ser neste dia.

Como esse fato foi observado em apenas uma Companhia da cidade de Três Lagoas, vamos nos ater à devoção em torno dos Reis Magos.

Não pretendemos apontar o número exato de companhias existentes na cidade, o que sabemos a partir dos anos de pesquisa é que existem pelo menos oito grupos, o que não significa que elas saiam todos os anos seguidos⁵.

É importante salientar que este número é bastante mutável, podendo surgir novos grupos e desaparecerem outros, assim como também pode haver a fusão de Companhias.

As Companhias três-lagoenses costumam peregrinar pelas casas amigas, com suas vestimentas e seus instrumentos perfeitamente caracterizados, acompanhados por dois ou três palhaços.

Como já foi dito é comum que as Folias de Reis façam sua “saída” no dia 24 de dezembro, e que o local de saída seja a casa do mestre da Companhia. A casa de saída significa o lugar de origem dos Reis Magos, o local onde esses homens foram avisados do nascimento do Messias e deram então o início à jornada de encontro do Menino Jesus.

Os devotos, organizados em Companhias, entram nas casas que os aceitam, e cantam junto com a família. Pedem a proteção dos Reis Magos, com a Bandeira de Santos Reis ou eles mesmos benzem a casa, podendo haver também batizados e bênção às pessoas doentes.

A folia presta homenagem aos amigos, levando a sua bandeira e os seus foliões a visitá-los em casa.

Feitos os entendimentos necessários, a folia penetra na habitação, tendo à frente a bandeira, mas deixando de fora os palhaços. Os alferes posta-se a um canto da sala, com a bandeira voltada para os foliões, se a casa não dispõe de oratório, [...] O costume exige que se cante três vezes, pelo menos, em cada casa- a chegada, em que se declara a intenção da jornada, a de anunciar [...] uma *profecia*, geralmente a *Adoração*. [...] e o *agradecimento*. (CASTRO e COUTO, 1977, p.04)

Para os devotos, este é um dos momentos mais especiais de todo o auto de fé, pois além de poderem divulgar sua “Bandeira”, eles também entendem que estão levando um pouco da proteção dos próprios Reis Magos para esses lares.

Todavia, este período de visitação não é feito ao acaso, as casas são previamente escolhidas. Castro e Couto ressaltam que as folias se movimentam sempre com as casas já

⁵ O mapeamento destas Companhias se deu da seguinte maneira: tomando um primeiro contato com um determinado grupo, este acabava por me levar a outro e assim sucessivamente, todavia este processo me relevou apenas cinco Companhias da cidade. Outro fator importante, para esta atividade foi o mapeamento feito pela prefeitura municipal da cidade que contava também com cinco grupos de Folia de Reis. Na soma destes dois registros, chegou-se ao número de oito grupos, que no último Encontro de Bandeiras do Município, mostrou ser com quase total certeza, o número exato de Companhias existentes na cidade no momento.

determinadas (1997, p.05), costume esse percebido também em Três Lagoas e, principalmente, nos dias atuais, pois cada vez é menor o número de pessoas que aceitam que a Folia entre em seu lar, sem a conhecer previamente.

Conforme Brandão, além de se estabelecer a priori as casas onde a Bandeira irá entrar os devotos ainda observam algumas tradições, pois em Mossâmedes-GO “A jornada deve ser cumprida de tal forma que comece pelo Leste (Oriente) e termine a Oeste (Belém)” (2004, p.350). Em Três Lagoas, o que se observa é que as Companhias não costumam voltar o caminho percorrido. Conforme Sr. Castilho:

Se a gente passou naquela rua e depois o dono da casa pede pra gente voltar pra poder entrar na casa dele, a gente explica que não pode voltar e fala: ‘Ano que vem põe uma flor vermelha no portão ou estende uma Bandeira Santa que então a gente já fica sabendo que é pra passar lá (informação verbal).⁶

Conforme os próprios devotos, o motivo para eles não retornarem a uma rua já visitada é que os Reis Magos permaneceram sempre seguindo em frente. Dessa forma, eles fazem um “giro”, de modo que mesmo saindo e voltando para a mesma casa, esta jornada se dê em círculo, e que eles nunca passem duas vezes na mesma rua.

Nas visitas, é prática da Companhia pedir *prendas* para a casa que a recebe. Essas prendas, em dinheiro ou mantimento, são usadas na festa do dia seis, também chamado de a “chegada”.

A “chegada” costuma acontecer na casa do mestre ou do organizador da festa, que não precisa necessariamente ser integrante da folia. Porém, a casa de chegada é a mesma de onde partiram. Segundo Miguel, integrante da Companhia Estrela da Guia, no momento em que os devotos saem da casa, ela representa o local onde viviam os Reis Magos. Depois de sua longa jornada, o regresso à casa a transforma no local onde foi encontrado o Menino-Jesus. Assim, a festa representa a alegria de rememorar o nascimento de Cristo (informação verbal)⁷. Essa representação é comum em quase todas as regiões do país.

Na chegada a casa há a passagem dos três arcos. Segundo Anain Alves de Souza, o primeiro arco representa o portão de Belém por onde os Reis Magos passaram; o segundo arco representa a entrada ao local onde se encontrava o Menino-Jesus; o terceiro arco representa a manjedoura onde o encontraram (informação verbal).⁸ Esta passagem pelos arcos

⁶ Waldemar Castilho. 65 anos, mestre da Companhia “Os Castilhos”. Entrevista realizada na cidade de Três Lagoas, no dia 15 de janeiro de 2006.

⁷ Miguel Alves dos Santos, 52 anos, mestre da Companhia “Estrela da Guia”. Entrevista realizada na cidade de Três Lagoas, no dia 18 de dezembro de 2001.

é bastante demorada, com rituais um tanto quanto complexos, pois os devotos cantam diversas músicas em cada um dos arcos e fazem inúmeras evoluções. Entre essas evoluções destaca-se a *meia-lua* que será discutida mais adiante.

É comum ainda que algumas Companhias de Reis, em determinadas situações, façam a *passagem da coroa*. Esta é uma prática comum quando um festeiro cumpre sua promessa e deseja passar a tarefa de montar a Companhia para outro.

Após a chegada ao espaço destinado à festa encontra-se o presépio montado, onde se verifica na maioria das Companhias não apenas a sagrada-família e os Reis Magos, mas uma série de outros santos, além de muitas fitas, luzes e brilhos.

Os devotos vão aproximando-se do presépio, cantando músicas em especial de adoração, e alguns se ajoelham. É costume que os palhaços, neste momento específico, fiquem à frente do grupo ajoelhados e já sem suas máscaras. Há a reza do terço, “puxado” por um membro da Companhia ou por algum convidado que os devotos julguem importante. Os demais presentes, devotos e convidados acompanham o terço com muita seriedade. Após a reza ainda pode haver mais canções. Também há o momento das dézimas que são louvações recitadas, feitas pelos integrantes do grupo. Eis o exemplo mais comum, proferido inúmeras vezes por diversas companhias:

Viva Deus primeiramente!
Viva os três do Oriente!
Viva todos que estão aqui!
Viva todos Folião!
Viva a Bandeira daqui!
Viva o Santo dali!
Viva o patrão e família!
E viva eu e meu irmão!”(informação verbal) ⁹

Entendemos que o terço seja o momento final dos atos religiosos, mas não seria correto dizer que com ele se encerra o lado sagrado e se inicia o profano, pois, mesmo sendo de fácil observação que após esse momento a festa carrega-se de características mais “mundanas”, com as quais todos estão mais acostumados, o sagrado também está presente na ceia que a Companhia conseguiu organizar para todos os convidados.

⁸ Anain Alves de Souza, 64 anos, mestre da Companhia “Embaixadores dos Reis Magos”. Entrevista realizada na cidade de Três Lagoas, no dia 21 de setembro de 2003.

⁹ Osmar Genuário da Silva, 57 anos, membro Companhia “Estrela da Guia”. Entrevista realizada na cidade de Três Lagoas, no dia 18 de dezembro de 2001. A dézima apresentada costuma ser a mais comum, sendo invocada em vários momentos ao longo de toda a jornada.

Diante de tantos relatos a respeito da dificuldade de se organizar a festa, com as poucas prendas que angariam, há também os que contam como é satisfatório poder ver que tudo deu certo, que ao final todos que vieram conseguiram se alimentar.¹⁰

No jantar se percebe que mesmo entre os grupos mais humildes há uma notável quantidade de alimentos oferecidos. E por esse motivo esse dia é também bastante esperado por moradores que não costumam se interessar pelas Folias de Reis, pois todos são bem recebidos para juntarem-se nesta comemoração.

Algumas Companhias proíbem o consumo de bebidas alcoólicas mesmo nesta data, enquanto outras permitem que após o terço os devotos tanto bebam quanto dançam por toda a noite. Há ainda Companhias onde a tradicionalidade da festa já a torna um momento tão esperado que ela se apresenta de forma semelhante as tradicionais quermesses, onde a poucos metros do lugar em que é servido o jantar, há barracas vendendo doces e lanches, além de cervejas e refrigerantes.

A identidade religiosa do devoto

É necessário apontar algumas questões a respeito da identidade religiosa dos sujeitos que compõem das Folias de Reis, os quais se afirmam, de maneira unânime, como católicos¹¹. Levando em conta as discussões propostas por Hall (1997) e Maffesoli (1996), para quem as identidades não podem mais ser vistas como entidades fechadas e homogêneas, devendo então o indivíduo ser definido na multiplicidade de interferências que estabelece com o mundo circundante, cabe salientar que pensamos aqui a identidade dos devotos como identidade híbrida e plural, não podendo ser identificada como católica pura e exclusivamente.

Partindo da idéia de que a identidade católica é cultural devemos observar o fato de como ela se mostra cada vez mais porosa e multifacetada, tornando-se então uma “identidade híbrida” (CANCLINI,1998), o que faz com que mesmo as identidades mais enraizadas sejam também traduzidas e mescladas. Dessa forma:

¹⁰ Esta satisfação também foi observada nas festas do dia seis, onde o mestre sempre comentava com grande alegria à pesquisadora que era mais um ano de promessa cumprida, porque oferecer a ceia também costuma fazer parte da obrigação.

¹¹ Sempre que iniciada uma entrevista com um devoto dos Reis Magos, perguntamos qual a sua religião, e em todas as entrevistas realizadas até o presente momento há unanimidade entre os devotos em se afirmarem católicos de maneira que não haja espaço para dúvidas quando a sua religião.

O catolicismo é uma religião viva que, guardado os elementos essenciais, pode alterar no tempo e no espaço, a forma de apresentar-se. Tem ele assim, uma 'pluralidade e variedade de elementos'. E esta pluralidade vai se expressar na prática, cujas formas diferentes vão ser o resultado de combinações dos elementos disponíveis no todo revelado ou tradicionalmente incorporado ao catolicismo (OLIVEIRA,1973,p.62).

E, tendo por base tais pressupostos torna-se possível entender a catolicidade destes devotos de Santos Reis. Todavia, é importante que mesmo assim entendamos que a identidade católica do devoto praticante de manifestações de cunho popular é impossível de se definir de maneira homogênea, pois aos pensarmos na identidade católica, esta não consegue dar conta das ambivalências que vão surgindo dentro do grupo, como é o caso das Companhias de Reis.

Conforme Brandão (1986), o povo comum – classe que pratica o chamado catolicismo popular - procura adequar às práticas religiosas nele presentes à sua vida cotidiana. Apropriam-se, então, de ritos e dogmas de diferentes esferas religiosas para compor uma religiosidade que lhes seja mais acessível e lhes dê o sentimento de uma maior proteção:

É notório que os praticantes da religiosidade popular criam, por sua conta e risco, modos sociais de produção do sagrado (BRANDÃO, 1986, p.18). Face a isso, percebemos uma incorporação de elementos que são comuns em sua rotina, além de elementos sagrados presentes em outras formas de religiosidade. Conforme alguns relatos, é possível perceber que não é raro que *o mesmo tambor que toca em homenagem aos Reis Magos, também frequenta o terreiro*¹².

A todo o momento ocorrem mudanças na composição da ordem religiosa estabelecida. Por caminhos diversos, agentes e grupos populares resistem ao poder de controle das agências religiosas dominantes, ou fracionam seus pontos de apoio da hegemonia recriando adiante núcleos inovadores ou dissidentes. Entre os produtores populares da religião e os fiéis recrutados nas classes subalternas é notável e parece ser crescente a vocação para a resistência, a capacidade de recuperação de modos de crença e práticas tradicionais, ou a criação de formas religiosas novas (BRANDÃO, 1986, p.31).

Entretanto, percebemos que o devoto raras vezes procura a Igreja para manifestar suas devoções, preferindo manter-se numa relação de intimidade entre ele e o santo de sua devoção. É na própria fala do devoto que se percebe que o catolicismo desses sujeitos não é um catolicismo de fiéis praticantes, que participam de missas e de outras obrigações, é um

¹² Este comentário foi feito em conversa informal por um devoto dos Santos Reis que não se encontra inserido no universo das Companhias de Reis, todavia, cabe revelar que tal afirmativa foi dada com pesar, com um sentimento de mágoa por saber que tal fato ocorre.

catolicismo doméstico, expresso nas práticas existentes dentro dos rituais da festa de Santos Reis.

Há ainda que se levar em conta o hábito popular de buscar formas de proteção de várias maneiras, ou seja, no mundo dos católicos de devoções populares, a fronteira entre a religião e a magia tem contornos poucos definidos. “Por isso, ‘pedir’ no sarava não é pecado, mas equivale a usar um recurso a mais” (BRANDÃO, 1986, p.133).

Por fim, destacamos ainda os devotos que vivem em uma espécie de trânsito religioso, em que a prática de transitar por diversas religiões faz com que não pertençam efetivamente a nenhuma delas (ALMEIDA e MONTEIRO, 2001). Todavia, muitos que se encontram nestes trânsitos religiosos, ao serem indagados sobre sua identidade religiosa, dizem-se católicos.

Estes trânsitos deixam os devotos em uma espécie de entre-lugar, “esses entre-lugares fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação- singular ou coletiva- que dão início a novos signos de identidades e postos inovadores de colaboração e contestação” (BHABHA, 1998, p. 20). Isso nos leva a entender que nesses trânsitos religiosos, os devotos deixam um pouco de si e recebem também em troca diversos aspectos que lhes ajudam a (re)inventar seu universo religioso. São esses aspectos que remetem as afirmativas de que a cultura popular não é fossilizada, pois está em constante re-elaboração a partir de seu contato com o mundo.

Referências

ALMEIDA, Ronaldo de; MONTERO, Paula. Transito religioso no Brasil. In: Revista **São Paulo em perspectiva**. Ano 15 Volume 3, 2001.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo**: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. São Paulo: Brasiliense, 2ª Ed. 1986.

CASTRO, Zaíde Maciel de, COUTO, Aracy do Prado. **Folias de Reis**. Cadernos de Folclore no. 16, Rio de Janeiro, 1977.

DARTON, R. **O grande massacre dos gatos**. Rio de Janeiro: GRAAL, 1986.

ENTREVISTA Anain Alves de Souza, mestre da Companhia “Embaixadores dos Reis Magos”. Produção: Luciana Aparecida de Souza Mendes, Três Lagoas: UFMS/CPTL, 2003. 50 min. (aprox.).

ENTREVISTA Miguel Alves dos Santos, mestre da Companhia “Estrela da Guia”. Produção: Luciana Aparecida de Souza Mendes & Nilda da Cunha Viana, Três Lagoas: UFMS/CPTL, 2001. 60 min. (aprox.).

ENTREVISTA Osmar Genuário da Silva, membro Companhia “Estrela da Guia”. Produção: Luciana Aparecida de Souza Mendes & Nilda da Cunha Viana, Três Lagoas: UFMS/CPTL, 2001. 6º mim. (aprox.).

ENTREVISTA Waldemar Castilho, mestre da Companhia “Os Castilhos”. Produção: Luciana Aparecida de Souza Mendes, Três Lagoas: UFMS/CPTL, 2006. 90 min. (aprox.).

FERREIRA, Moacyr Costa. **Os magos em folias de reis**. São Paulo: Edicon, 1994.

FRADE, Cássia. **Folclore**. São Paulo:Global, 1991.

GEERTZ, Clifford. - **A interpretação das culturas**, Rio, Zahar Editores, 1989

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**.Rio de Janeiro:DP&A, 1997

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis:Vozes, 1996.

MARIN, Jerri Roberto. Ex-votos: no limiar do sagrado e do profano. **Fronteiras**: Revista de História, Campo Grande/MS. 1999.

MATTOSO, José. **A escrita da história**: teoria e métodos. Lisboa: Editorial Estampa, 1988

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Autoridade e participação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.